

POR UMA PEDAGOGIA DA PESQUISA: ANÁLISE DE NECESSIDADES DOCENTES

Tatianne Fernandes Nunes¹

Vania Hirle Almeida²

RESUMO

O presente estudo intitulado, por uma pedagogia da pesquisa: análise de necessidades docentes teve como objetivo identificar as necessidades apontadas pelos professores que atuam no ensino fundamental e médio de uma escola particular/confessional para o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula como uma prática significativa. Fundamentou-se principalmente nas ideias dos autores: Bagno (2003), Demo (1995), André (2007) e García (2010). Através de um estudo de caso com de abordagem mista de estudo. Os resultados apontaram: falta de políticas de apoio, disponibilidade de tempo e cultura conteudista. Os instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados foram entrevistas e questionários. As propostas do estudo propõem o crescimento quanto aos recursos didáticos, capacitação docente e reorganização curricular.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia da pesquisa. Necessidades formativas. Professores.

ABSTRACT

This study, entitled by a pedagogy of research: analysis of needs teachers aimed to identify the needs appointed by teachers working in elementary and secondary education in a private and confessional school to development of research in the classroom as a meaningful practice. It was based mainly on the ideas of authors: Bagno (2003), Demo (1995), André (2007) and Garcia (2010). Through a case study from the perspective of a combined approach, the needs were identified as: lack of supportive policies, availability of time and culture with emphasis in contents. The instruments used to collect and analyze data, were interviews and questionnaires. The findings presented suggest the need of growth in the resources textbooks, teacher training and curricular reorganization.

KEY WORDS: Pedagogy of the research. Training needs. Teachers.

¹ Pedagoga, Faculdade Adventista da Bahia.

² Doutora em Educação (Universidade de Barcelona), Professora de Metodologia da Pesquisa na Faculdade Adventista da Bahia. E-mail: vaniahirle@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como título, por uma pedagogia da pesquisa: análise de necessidades docentes, um estudo desenvolvido em uma escola particular/confessional, cujo problema foi identificar quais as necessidades formativas apontadas pelos docentes que atuam no ensino fundamental e médio, para desenvolvimento da pesquisa em sala de aula, como uma prática significativa. Tendo como objetivo geral analisar as necessidades formativas apontadas pelos docentes que atuam no ensino fundamental e médio, para desenvolvimento da pesquisa em sala de aula. Os objetivos específicos se dividiram em *teóricos*: Conceituar os termos pesquisa, pedagogia e pedagogia da pesquisa na perspectiva de diversos autores, apresentar a relação entre pesquisa e a construção do conhecimento, discutir a pesquisa como uma metodologia prazerosa e significativa no contexto atual da escola e apresentar a relevância da análise de necessidade formativa para superar possíveis dificuldades no ensino da pesquisa. *Metodológico*: Diagnosticar as necessidades formativas do professor da escola particular ao desenvolver a pedagogia da pesquisa. E *resultados*: Sugerir propostas para o ensino da pesquisa.

A articulação entre ensino e pesquisa na prática docente na Educação Básica é um assunto que há algum tempo tem merecido atenção por aqueles que se dedicam ao seu estudo. Desde a década de 1990 o tema “professor pesquisador” tem ganhado espaço no cenário de discussão acadêmica, argumentação importante para que a formação dos docentes seja diferenciada. Todavia, ao observarmos o ensino da pesquisa no ensino fundamental e médio, período onde a vontade de descobrir, conhecer e que diversos assuntos estão sem respostas na cabeça dos alunos, este ensino está sendo muitas vezes deixado de lado ou simplesmente trabalhado de forma que não traga sentido algum à vida deles. Quando os alunos recebem um trabalho de pesquisa na maioria das vezes se sentem incapazes de realizar, se colocam numa situação de conflito, e pela falta de orientação, sem saber por onde começar ou onde encontrar material adequado, meramente fazem cópias ou recortes de trechos disponíveis na internet, somente com a intenção de obter nota, e o ato de pesquisar não é desenvolvido de forma eficaz. Sobre a ótica de que a pesquisa deve ser levada a sério desde o iniciar da vida estudantil, a finalidade deste estudo foi analisar a pesquisa sob o prisma do professor, suas dificuldades, necessidades para desenvolvê-la, repensando, discutindo e propondo caminhos para trabalhar este assunto em sala de aula de forma significativa.

O artigo está estruturado em sete eixos de estudo: o primeiro abordou o conceito de pesquisa e pedagogia para então conceituar pedagogia da pesquisa, o segundo apresenta a relação que há entre pesquisa e a construção do conhecimento, o terceiro aborda a pesquisa como uma metodologia prazerosa e significativa no contexto atual da escola, o quarto apresenta a relevância da análise de necessidades formativas para a pesquisa, o quinto expõe todos os processos metodológicos do estudo, o sexto apresenta a análise, discussão dos resultados e o último as considerações finais.

PESQUISA E PEDAGOGIA DA PESQUISA: INICIANDO A DISCUSSÃO

A palavra pesquisa etimologicamente veio do espanhol, que por sua vez herdou do latim do verbo *perquiro* que significa procurar, buscar com cuidado, procurar por toda parte, informar-se, inquirir, perguntar, indagar bem, aprofundar na busca. O tempo verbal desse verbo latino, o particípio, era *perquisitum*, e por causa das leis da fonética e da passagem para o espanhol no decorrer dos anos o primeiro R se transformou em S, chegando-se ao verbo *pesquisar* que é o que conhecemos hoje. (BAGNO, 2003).

Segundo Bagno (2003), a pesquisa está presente no dia-a-dia das pessoas, nas mais diversas situações. Quando se deseja comprar uma casa, logo as pessoas recorrem aos classificados nos jornais, qual supermercado irá comprar, onde passar as férias, enfim, sempre antes de tomar qualquer decisão, pesquisa-se. No campo da ciência, o ato de pesquisar se torna mais evidente, bem como no avanço tecnológico e principalmente na construção do intelecto dos indivíduos, que é um ponto abordado no segundo eixo. Ainda, segundo o escritor é muito difícil pensar qualquer ação humana sem que seja procedida por uma investigação, porém as situações supracitadas são limitadas ao termo pesquisa.

O dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2002) define o termo pesquisa como um “conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico, uma investigação ou indagação minuciosa.” O Novo Dicionário Aurélio (1999), define pesquisa como ato ou efeito de pesquisar; indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação; inquirição; investigação e estudo sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento. (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LINGUA PORTUGUESA, 1999). Michel (2005) também afirma que pesquisa é,

A atividade básica da ciência; a descoberta científica da realidade. É anterior a atividade de transmissão do conhecimento; é a própria geração do conhecimento; é atividade científica pela qual descobrimos a realidade. [...] pesquisa é, pois um fenômeno de busca de conhecimento constituído de aproximações sucessivas e nunca esgotado, ou seja, não é uma situação definitiva diante da qual não haveria o que descobrir. (2005, p. 32).

A pesquisa, às vezes se confunde com diversas ações que visam conhecer o mundo, no entanto, pesquisa é especular, buscar, questionar, conhecer. É importante compreender também o significado da pesquisa na escola, pois ela carrega todas essas definições e são da mesma forma pautadas nas concepções de ensino que orientam as ações dos docentes.

Pesquisar, na visão educacional é se preocupar com o desenvolvimento da autonomia dos educandos, entendendo que esse desenvolvimento não termina ou se esgota quando se encontra o resultado do tema proposto. Entende-se então que pesquisa escolar é uma,

Atividade sistematizada e mediada entre sujeitos, pautada em instrumentos que propiciam a construção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia, por meio de ações com características de reflexão crítica, que priorizam descobrir, questionar, analisar, comparar, criticar, avaliar, sintetizar, argumentar, criar. (NININ, 2008, p. 7).

Percebemos então que, pesquisar é uma arte que tem por objetivo principal entrar em contato com fatos incógnitos ou pouco incógnitos, revelando suas peculiaridades, atentando para as etapas específicas e com um método bem definido de trabalho.

Neste sentido, tratar a pesquisa com indiferença ou trabalhá-la de qualquer maneira em sala de aula, somente através de cópias ou recorte não faz parte do seu processo, não se desenvolve pesquisa desta maneira. Porém, como ensinar o aluno a realizar uma pesquisa de modo significativo? Como tornar a pesquisa um ato pedagógico? Para abordar o assunto pedagogia da pesquisa, é muito importante apresentar algumas definições do que seria primeiramente pedagogia na visão de alguns autores, a fim de que, entendendo o que é esta prática, explicitar o conceito claro e apropriado do ensino da pesquisa.

Quando alguém pensa em Pedagogia, entendemos que tal pessoa quer ensinar bem, melhor, quer aprender métodos que transformem sua prática educativa, ou seja, pensa-se na maneira, no modo de ensinar. Para Pimenta (2006),

A pedagogia ocupa-se, de fato, da formação escolar das crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos, diz respeito ao estudo e à reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. (p. 63).

A Pedagogia é uma reflexão sobre os fins da educação, uma ciência da educação, é a teoria e prática, sempre associada aos procedimentos de transmissão – apropriação de conhecimentos. Portanto, a Pedagogia “[...] busca unir teoria e prática a partir de sua ação e nesta relação ela tem sua origem, se cria, inventa e se renova.” (SCHMIED-KOWARZIK, 1996 apud LIBÂNEO, 2005, p. 30).

A pedagogia é considerada uma ciência ou disciplina que começou a se desenvolver efetivamente no século XIX. Ela estuda vários temas ligados a educação, tanto na parte teórica quanto na prática. Seu principal objetivo é melhorar o processo de aprendizagem dos alunos, através de mecanismos, como a reflexão, sistematização e produção de conhecimentos. Considerada como uma ciência social, ela está ligada a sociedade, da mesma forma aos aspectos legais, as normas educacionais do país. (PIMENTA, 2006).

A partir de tais definições, podemos avançar para a temática em pauta, a pedagogia da pesquisa, entendendo-a como um dos grandes desafios para os educadores, que a cada ano, na educação básica, recebem alunos mais diversificados intelectualmente.

A pedagogia da pesquisa é uma estratégia de ensino-aprendizagem que perpassa a prática educativa, bem como ações que conjecturam o momento de aprender pesquisando. Ela abre perspectivas

para que os alunos aprendam a trabalhar com suas perquisições pessoais e desenvolvam opiniões próprias e contundentes daquilo que estão pesquisando. “A pedagogia da pesquisa é, então entendida como um instrumento problematizador que, quando planejada e mediada pelo professor, faz do aluno-copiador um aluno-pesquisador.” (NININ, 2008, p.14).

Hoje, geralmente as situações problema, “trabalhinhos”, na grande maioria já vem pré- resolvidos, senão totalmente resolutos, pela grande facilidade de acesso às tecnologias. A tecnologia traz muitos benefícios se trabalhada de forma correta, entretanto, outro fator tem prejudicado o ensino pela pesquisa: a falta de conhecimento dos professores quanto ao uso dessas tecnologias, tanto no manuseio, quanto o processo de aquisição das informações, que por sua vez deixam seus alunos mal orientados e mecanizados frente, por exemplo, ao computador, impossibilitando seu crescimento, muito menos a junção com o conhecimento.

Quando crianças e jovens decidem assumir essa postura de facilitar as tarefas escolares, plagiando, copiando e principalmente professores que não se atentam ou não se preocupam em mudar essa realidade, estes viverão/terão sérios prejuízos no presente e no porvir, pois, segundo Demo (1995, p. 61) “[...] a pesquisa é hoje a base indispensável da competência profissional [...]”, isto porque a competência só pode ser constituída na prática. Assim, a pedagogia da pesquisa deve ser uma abordagem real no cotidiano escolar, se todas as ações procedidas em sala de aula levassem os alunos a passar por momentos de reflexão, questionamentos, indagações e ações próprias, as mais variadas temáticas seriam significativas para os mesmos. Demo (1997), demonstra muito interesse em fundamentar a importância da pesquisa na educação, apontando para uma nova maneira de aprender, onde o aluno que na maioria das vezes é tido como objeto do ensino passa a ser parceiro do trabalho, assumindo-se como sujeito do processo de aprender, questionamento reconstrutivo.

Quando se pensa de pedagogia da pesquisa, García (2010) afirma que primeiro tende-se pensar que todas as atitudes e práticas de investigação não são naturais, são aprendidas e incorporadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. No âmbito acadêmico é necessário ter muito presente as condições que possibilitem esta prática investigativa. Mas, uma coisa são as disposições, competências, modos de pensamento, ações que implicam na prática da investigação, outra coisa são as formas como facilitamos estas habilidades na prática com os alunos.

Neste eixo buscamos refletir sobre os conceitos de pesquisa, pedagogia para entendermos a proposta da pedagogia da pesquisa e concluímos que pensar em pedagogia da pesquisa supõe uma aproximação a concepções, teorias, habilidades, atitudes, práticas de campo, análises, entre muitos. Todos os conhecimentos teóricos são fundamentais para a práxis investigativa, mas não devemos considerá-las como suficientes por si mesmas. A investigação é uma prática que retorna sobre si mesma, que se apropria de ações, caminhos percorridos, utilizando os erros para reformular novas ideias. E neste sentido a pedagogia da pesquisa ou investigação “é reflexão, um processo em contínua construção e reconstrução onde nenhum caso é algo estático.” (GARCÍA, 2010, p. 3).

PESQUISA: BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A origem da palavra conhecimento é *connaissance*, palavra francesa que significa *naissance* nascer com. (MICHEL, 2005). Como seres humanos racionais, a capacidade de criar, transformar e aplicar o que se aprende é inerente a nossa natureza. Dentre todos os seres vivos, esta é a principal característica que se permite dizer, o homem é diferente. “O homem, ao contrário do ser animal, não está no mundo apenas vivendo-o; ele vive e modifica o mundo a sua volta. Tenta conhecê-lo (faz ciência) e age sobre ele para transformá-lo (com o uso da técnica, do instrumento).” (p. 14).

Conhecer significa adquirir informações sobre algo, tomar consciência, ficar sabendo. Em sentido amplo é coligar um novo conceito, ou original, sobre um fato ou um fenômeno qualquer (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2002); ele simplesmente não vem do acaso ou nasce do nada, vem de vivências que se adquire no decorrer da vida, pode ser por experiências nos relacionamentos, nas leituras, enfim, de qualquer atividade que se tome consciência. “Conhecer é o processo de compreender e internalizar as informações recebidas do ambiente, possivelmente combinando-as de forma a gerar mais conhecimento.” (MICHEL, 2005, p. 15).

Desse modo, tudo que se conhece ou aprende torna-se conhecimento, um processo de armazenamento, se tornando uma “conquista, uma apreensão espiritual de algo.” (p. 12). Quando conhece se delinea, se cria conjecturas, se opina, tudo se configura como base para a construção do conhecimento. Tudo que o homem absorve através das informações se transforma em conhecimento, que o mesmo, utiliza em um determinado momento. Portanto, o processo de conhecer nunca está acabado, pode enriquecer-se com qualquer experiência e sendo este múltiplo e evolutivo, torna-se cada vez mais útil tentar conhecer de tudo. Existem vários tipos de conhecimento, conhecimento empírico, filosófico, teológico, científico, dentre outros.

Conhecimento científico é o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um processo de investigação, de procura de explicações, com base na ciência, obtendo-se de fatos explicáveis. Por isso, a construção do conhecimento requer um comportamento crítico, que sempre pergunta o porquê das coisas. (MICHEL, 2005).

Lakatos (1991) também diz que,

O conhecimento científico é, pois, o que é construído através de procedimentos que denotem atitude científica e que, por proporcionar condições de experimentação de suas hipóteses de forma sistemática, controlada e objetiva e ser exposto à crítica intersubjetiva, oferece maior segurança e confiabilidade nos seus resultados e maior consciência dos limites de validade de suas teorias. (p. 37).

Quando se entende o que é conhecimento científico, o ato de pesquisar ganha uma dimensão importante na construção do mesmo. Ao pesquisar utilizam-se procedimentos, métodos para se chegar a um denominador comum. Esses métodos podem ser apenas o senso comum ou quem sabe observações, que aos poucos através de intervenções significativas, vão se ampliando para procedimentos mais sólidos, que se configuram verdades. Neste processo está a possibilidade do desenvolvimento de construção do conhecimento individual, e o que é melhor, atrelado a este processo, integra-se o desenvolvimento do hábito científico. No âmbito educativo, a pesquisa deve ser uma ponte para entrar em contato com o que ainda não é conhecido, constituir caminhos com o conhecimento já existente e assim apresentar o novo. Este processo pode ser nomeado em sentido restrito como a busca pelo conhecimento e em sentido amplo como processo educativo.

A busca do conhecimento de qualquer elemento não pode acontecer senão conhecendo, ou seja, precisa-se investigar. Sendo assim, este conhecimento científico pede um roteiro, ou melhor, um caminho que permita achar estas verdades.

Por tudo já visto, conclui-se que o conhecimento científico não é obtido ao acaso; ele necessita de um caminho, um roteiro organizado e disciplinado de ação. [...] a ciência visa ao conhecimento científico, verdadeiro, ou seja, comprovável; a pesquisa é a atividade básica, o instrumento que permite chegar ao conhecimento, e a metodologia o caminho que orienta a pesquisa no processo da busca, da investigação. (MICHEL, 2005, p. 24).

Quando os alunos da educação básica possuem um espírito científico, conquistado através da pesquisa, procuram agir de forma crítica e criativa, em busca permanente da verdade, propondo assim novas hipóteses e teorias.

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repeti-lo, é essencial que cada criança esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a torná-la para toda a vida “amiga da ciência”. Em nível secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo. (DELORS, 2006, p. 91).

Neste eixo entendemos que a pesquisa é a base para a construção do conhecimento dos alunos, ela é porta das possibilidades que permite tornar a criança amiga da ciência, contudo este é o principal desafio dos educadores sejam eles gestores, professores ou coordenadores, pois os mesmos devem propor situações, criar ambientes, dar acessibilidades a todos os alunos, para adentrarem estas portas esteja onde estiver.

PESQUISA: UMA METODOLOGIA PRAZEROSA E SIGNIFICATIVA

Os processos de ensino e de aprendizagem se constituem em grande parte na interação entre o professor e o aluno, sendo que o papel do professor deve ser o de facilitador deste processo. No desenvolvimento da pedagogia da pesquisa o professor não irá abordar conhecimentos apenas teóricos, mas sim na grande maioria, técnicas e habilidades práticas.

A pesquisa na educação básica não deve e nem pode ser propagada como um objeto, mas sim um processo em constante evolução, que permite questionamentos e indagações que apontam novos caminhos e novas perguntas sobre as questões. Vale ressaltar que [...] a educação básica é um indispensável ‘passaporte para a vida’ [...] que faz com que os que dela se beneficiam possam escolher o que pretendem fazer, possam participar na construção do futuro coletivo e continuar a aprender.” (DELORS, 2006, p. 125). A pesquisa fazendo parte desse processo abrirá novos caminhos na vida dos alunos, além de se tornarem cidadãos mais críticos, também produzirão e construirão conhecimento próprio e coletivo.

Portanto, a pedagogia da pesquisa deve ser ensinada de forma prática e deve proporcionar primeiramente no professor entusiasmo e satisfação pela mesma, ensinando por paixão.

O que espera dos professores da escola básica? Que eles assumam de forma competente e responsável a sua tarefa de ensinar, a fim de que a grande maioria de seus alunos desenvolva uma atividade intelectual significativa, apropriando-se de conhecimentos fundamentais para uma inserção comprometida e ativa na sociedade. (ANDRÉ, 2007, p. 58).

O que se percebe, entretanto, na prática docente é que alguns professores têm a tendência de ensinarem hoje como aprenderam no passado, ou participam de reuniões onde se propagam estratégias de ensino baseadas em transmissão de conhecimento e na quantidade de conteúdos, fatores que impedem a atuação mais eficiente no trabalho com a pesquisa. Enaltecem os livros didáticos e as suas pesquisas surgem apenas a partir de tópicos propostos pelos mesmos, onde os alunos procuram nas bibliotecas e recorrem a escritos pré-existentes e apenas copiam, se o conteúdo é mais atual recorrem a internet ou revistas, enfim, sem orientações específicas os alunos não estabelecem relação entre o pesquisado, com o estudado em sala de aula, fazendo os trabalhos por fazer. (NININ, 2011).

Outro fator importante, é que para tornar o ensino da pesquisa mais satisfatório é preciso que o professor também leve em conta a realidade dos alunos e as suas vivências, pois será mais eficaz se os mesmos perceberem que estão dentro do processo da pesquisa e ao verem a paixão que o professor perpassa em seu ensino, eles perceberão seu importante papel neste processo, se dedicando e se comprometendo com a mesma.

Vale ressaltar aqui que, se o professor não for instruído a desenvolver de forma eficaz a pesquisa dentro da escola, este processo se tornará muito difícil e insignificante. Contudo, a atitude da escola

é fundamental para este benefício, se a mesma esta ou não lhe oferecendo subsídios ou condições para que o professor realize tal atividade, “[...] temos que considerar quais são suas reais possibilidades de desenvolver pesquisa e ao mesmo tempo atender aos inúmeros desafios do seu trabalho docente cotidiano.” (ANDRÉ, 2007, p. 58). Para que o professor realize a pesquisa de forma prazerosa e que o mesmo se torne um profissional investigador é preciso que,

Haja uma disposição pessoal do professor para investigar, um desejo de questionar, é preciso que ele tenha formação adequada para formular problemas, [...], que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo, que tenha oportunidade de receber assessoria técnica-pedagógica, que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa, que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada. (ANDRÉ, 2007, p. 60).

García (2010), da mesma forma, aponta que para ensinar a pesquisa, devemos entender algumas características básicas. Primeiramente, a pesquisa é uma tarefa prática, que proporciona ao aluno entrar em contato com o real, explorar o que é ou não conhecido, onde o professor apresenta conteúdos teóricos, mas os alunos os experimentam na prática, assim aprendem de maneira mais significativa. Em segundo, a pesquisa deve ser uma tarefa de indagação. Os professores aos passarem os trabalhos de pesquisa, precisam ensinar a seus alunos a sempre se questionarem o por que da pesquisa, como será, para que ou para quem estarão investigando, despertando a criticidade e curiosidade pelo tema proposto. Terceiro, a pesquisa é uma tarefa docente, mas não quer dizer que a instituição não possa fazer parte. Ela precisa abrir as possibilidades. A pesquisa é uma tarefa institucional, com políticas de apoio e incentivo a sua propagação. E por fim, é uma atividade ligada a problemas sociais. A pesquisa proposta aos alunos precisa ser mais significativa, onde as suas vivencias são levadas em consideração, e que através descobertas encontrem soluções para suas ou algumas realidades sociais. Cada ação não se desenvolve isoladamente, mas uma se encaixa na outra, uma se desenvolve melhor com a ajuda da outra.

Ainda segundo García (2010), atualmente o conteúdo da pesquisa se apresenta apenas de forma teórica, que é importante, mas não deve ser a principal, em se tratando de pesquisa, vários professores até admitem trabalhar com pesquisa, mas de forma insatisfatória para os alunos que recebem os famosos “trabalhos de pesquisa”, sem instrução alguma, submetendo aos mesmos um estresse emocional injusto e desnecessário. Segundo Bagno (2003), o papel do professor não é apenas transmitir conteúdos, mas de propiciar aos seus alunos um ensino denominado ensinar a aprender, sendo está a base da pedagogia da pesquisa.

Ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade. [...] é não apenas mostrar os caminhos, mas orientar o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permita desviar-se das bombas e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento. (BAGNO, 2003, p. 14, 15).

Para que a pesquisa seja um ato prazeroso e significativo deve-se também conhecer o que mais chama a atenção dos alunos, ou seja, o professor deve descobrir temas que despertem interesse nos alunos, assim a estimulação para a pesquisa não será algo enfadonho, sobretudo a investigação estará contribuindo para despertar o gosto pela pesquisa, onde eles estarão mais propícios a sugerir ideias, mais comprometidos e responsáveis pela mesma. (BAGNO, 2003). Investigar, se o aluno sabe pesquisar, se ele conhece as técnicas e habilidades para realizá-la e pautá-la é fundamental, pois torna-se perceptível sua postura diante da pesquisa, se o mesmo tem uma motivação intrínseca para fazê-la, senão gosta o porquê de não gostar, faz com que a “pedagogia” do professor seja reorganizada e repensada sobre suas estratégias no fazer doente, no processo de ensino da pesquisa. Triste é saber que os principais motivos dos professores em passar pesquisa é contrário ao que de fato ela significa. Oliveira diz que existem os motivos para o professor passar os trabalhos de pesquisa são “em primeiro lugar, para complementar conteúdos e, em segundo, para antecipar conteúdos.” (OLIVEIRA, 1999, p. 42) Respostas como criar, inventar, criticar quase sempre não são os motivos reais.

A pedagogia da pesquisa contribui para aproximar a escola à comunidade, até porque a pesquisa bem trabalhada é uma forma de atrair os familiares dos alunos a esta atividade. A pesquisa abre as portas para que os alunos tenham voz e opinião própria em nossa sociedade, e que cada gesto que descobrem e atitudes que propagam influenciem na vida de todos. (BAGNO, 2003). Ainda consta legalmente que proporcionar a pesquisa, no art. 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica (2010), é de responsabilidade do poder público, da família, da sociedade e *da escola*, pois os mesmos devem garantir a todos os educandos um ensino ministrado de acordo com os princípios de: [...] II - liberdade de aprender, ensinar, *pesquisar* e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Enfim, a pedagogia da pesquisa na Educação Básica se propõe a,

Mostrar aos alunos que existe na escola uma vontade de acompanhar as transformações que estão se processando do lado de fora da sala de aula e que todos os meios e multimeios oferecidos pelas novas tecnologias também devem ser usados para tornar o aprendizado mais atraente, atualizado, mais vivo [e significativo]. (BAGNO, 2003, p. 62).

O objetivo deste eixo foi mostrar que a pesquisa quando trabalhada de maneira séria e comprometida atua como uma metodologia prazerosa. A pesquisa age como um espaço de construção do conhecimento, onde o professor não seguirá seus modelos tradicionais de ensino, mas terá que planejar momentos de intervenção junto aos educandos, atraindo os mesmos com inovações significativas, atraentes e atualizadas, que vão desde o trabalho geral ao passo a passo do processo.

A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE DE NECESSIDADES FORMATIVAS PARA O SUCESSO DA PESQUISA

Com seu surgimento no final da década de 1960, a análise de necessidades formativas, como campo de pesquisa, no decorrer dos anos vem sendo aproveitada, agindo de forma fundamental no ato de planejar e na tomada de decisões na área de educação. Isso obedece ao que segundo Rodrigues e Esteves (1993 apud NÚÑEZ, 2010) apontam,

Há uma preocupação com a racionalização dos processos formativos e os desejos de conseguir planos mais estruturados e eficazes que respondam adequadamente às exigências sociais, na intenção de encontrar procedimentos mais eficientes na formação do professor. (p. 45)

Abordando primeiramente o que seria uma necessidade, entende-se como o que é útil e conveniente, pode se remeter também à deficiência de algo necessário que os indivíduos precisam, sendo está variável depende do local que está pessoa esteja ou do que no momento ela deseja. Conforme Zabalza (1998 apud ALMEIDA, 2010, p. 133), necessidade se define como

Uma discrepância entre o que se produz, entre a forma como as coisas deveriam ser (exigência), poderiam ser (necessidade de desenvolvimento), ou gostaríamos que fossem (necessidades individuais) e a forma como tais coisas de fato são. É a diferença entre seu estado atual de desenvolvimento e o desejado o que determina a necessidade.

MODELOS DE NECESSIDADES

Existem vários tipos/ modelos de necessidades para os indivíduos, por exemplo, o modelo de Rodrigues e Esteves (1993 apud NÚÑEZ 2010) que aponta cinco classes de necessidades, como:

- 1. Necessidades das pessoas versus necessidade do sistema:** nesta caracterização as necessidades dos indivíduos nem sempre são as mesmas necessidades do sistema, geralmente elas são divergentes. Deve haver um interesse em resolver ambas as necessidades para que o trabalho tanto do sistema (instituição) quanto dos indivíduos (professores) sejam sanadas.
- 2. Necessidades particulares versus necessidades coletivas:** as necessidades podem mudar individualmente ou apresenta-se em grupo.
- 3. Necessidades conscientes versus inconscientes:** as necessidades são conhecidas e logo se procura solucionar, porém alguns não são reconhecidas. As pessoas logo podem tomar consciência de suas necessidades, porém da mesma forma podem se sentir confusas por não entenderem, são necessidades inconscientes.

4. **Necessidades atuais versus necessidades potenciais:** algumas necessidades estão relacionadas com o presente e precisam ser resolvidas, outras são necessidades relacionadas com o futuro. As que incidem sobre a educação, são de maneira geral necessidades potenciais.
5. **Necessidades segundo o contexto que se manifestam:** As necessidades neste caso aparecem de acordo com o ambiente que a pessoas ocupa, seu cargo na empresa, sua família, sua vida social, política, na graduação, no professorado, e outros.

Stufflebeam (1985 apud ALMEIDA, 2010, p. 136) apresenta, no entanto, quatro classes de necessidades:

1. **Discrepância:** resulta na diferença entre o que as pessoas sentem, pensam e deveriam ter. Nesta concepção as necessidades são dinâmicas porque se prendem aos objetivos das pessoas e do sistema.
2. **Democrática:** De acordo com Stufflebeam, as necessidades vão ser o que a maioria manifestar, mesmo que a necessidade expressa pela maioria não seja necessidade e sim pedidos, o que implica uma análise mais criteriosa.
3. **Análítica:** a necessidade nesta perspectiva se baseia na previsão das tendências e problemas a partir da análise do sistema.
4. **Diagnóstico:** a maioria dos diagnósticos sobre as necessidades se baseia nas três características supracitadas. Estas necessidades devem ser estudadas e analisadas.

ANÁLISE DE NECESSIDADES

A análise de necessidades se constitui em um conjunto sistemático de procedimentos que tem como propósito estabelecer prioridades e permitir uma tomada de decisões quanto à melhoria de um programa ou organização. As prioridades se baseiam nas necessidades apontadas, precisa-se de um estudo profundo, criterioso, levando o máximo de dados e informações de diversas fontes, para saber que decisões tomar e que vão realmente sanar tais necessidades.

O modelo de análise de necessidade que este estudo se aproximou para estudar as necessidades docentes foi o de Stufflebeam (1985), que apresenta quatro modelos de necessidades, supracitados, e que se processa em cinco fases de análises, como foi feito e detalhado melhor no processo metodológico deste trabalho. Primeiro, definimos o que queríamos perguntar, quem seria nossa principal fonte de informação no ensino da pesquisa, em seguida coletamos os dados da população e amostra escolhida, analisamos os mesmos para divulgar as necessidades apontadas e sugerir propostas para mudanças. Tais fases são nomeadas como:

1. **Fase de preparação:** identifica os questionamentos, os participantes, define como será a análise de informações;
2. **Fase de recolher informações:** corresponde ao processo de coleta de dados, instrumentos, população e amostra;
3. **Fase de análise das informações:** corresponde à análise das informações com base na problemática que orienta a estudo, segundo os objetivos. Selecionar as estratégias mais adequadas para descobrir as respostas para as necessidades encontradas.
4. **Fase de divulgação:** é a fase de divulgar os resultados obtidos de maneira clara e compreensível.
5. **Fase de aplicação:** propor mudanças para as necessidades encontradas. (STUFFLEBEAM, 1985 apud ALMEIDA 2010).

No âmbito educativo a análise de necessidades dos professores, conforme Núñez (2010) é tido,

Como algo útil, imprescindível num momento dado desejável, ligado a valores, que parte de experiências anteriores, definem a procura de algo que falta para poder, conscientemente, fazer o trabalho docente com maior profissionalidade. Estas necessidades são individuais e/ou coletivas, o que permite dirigir a formação do professorado nesse sentido. As necessidades docentes têm sua origem na prática, assim que, como categoria norteadora, faz-se necessário pesquisar a prática do (a) professor (a), seu cotidiano na sala de aula e na escola enquanto profissional e pessoa que ele (a) é. (p. 3).

No entanto, a análise de necessidades feita com os professores, muitas vezes não revela tudo o que se deseja, pois os mesmos desconhecem suas exigências profissionais. Núñez (2010) nos diz que,

A determinação das necessidades dos professores como uma das categorias estruturantes dos programas formativos deve levar em conta o fato de, em determinadas vezes, a necessidade não revelar-se em razão do desconhecimento que os próprios professores possuem a respeito da natureza de novas exigências do trabalho profissional. Por isso, faz-se necessário a reflexão da prática orientada por perspectivas teóricas que possibilitem questionar a própria prática e dar origem a novas necessidades para o aperfeiçoamento do trabalho profissional. (p. 5).

Enfim, através de uma análise de necessidade as mesmas deixam de ser necessidade, mudam-se as exigências, os valores ou ainda são atendidas. Este artigo teve a finalidade de conhecer as possíveis necessidades dos professores em trabalhar a pesquisa. O planejamento neste processo se constituiu um fato essencial, pois através dele foram tomadas as atitudes, mudanças favoráveis. Somente a partir do levantamento de dados, que subsidiaram o planejamento, foi possível a elaboração de uma proposta concisa e que considere valores dos professores e alunos.

Neste estudo procuramos da mesma forma, entender os processos formativo- metodológicos do professorado, a fim de contribuir e melhorar a preparação dos professores no ensino da pesquisa

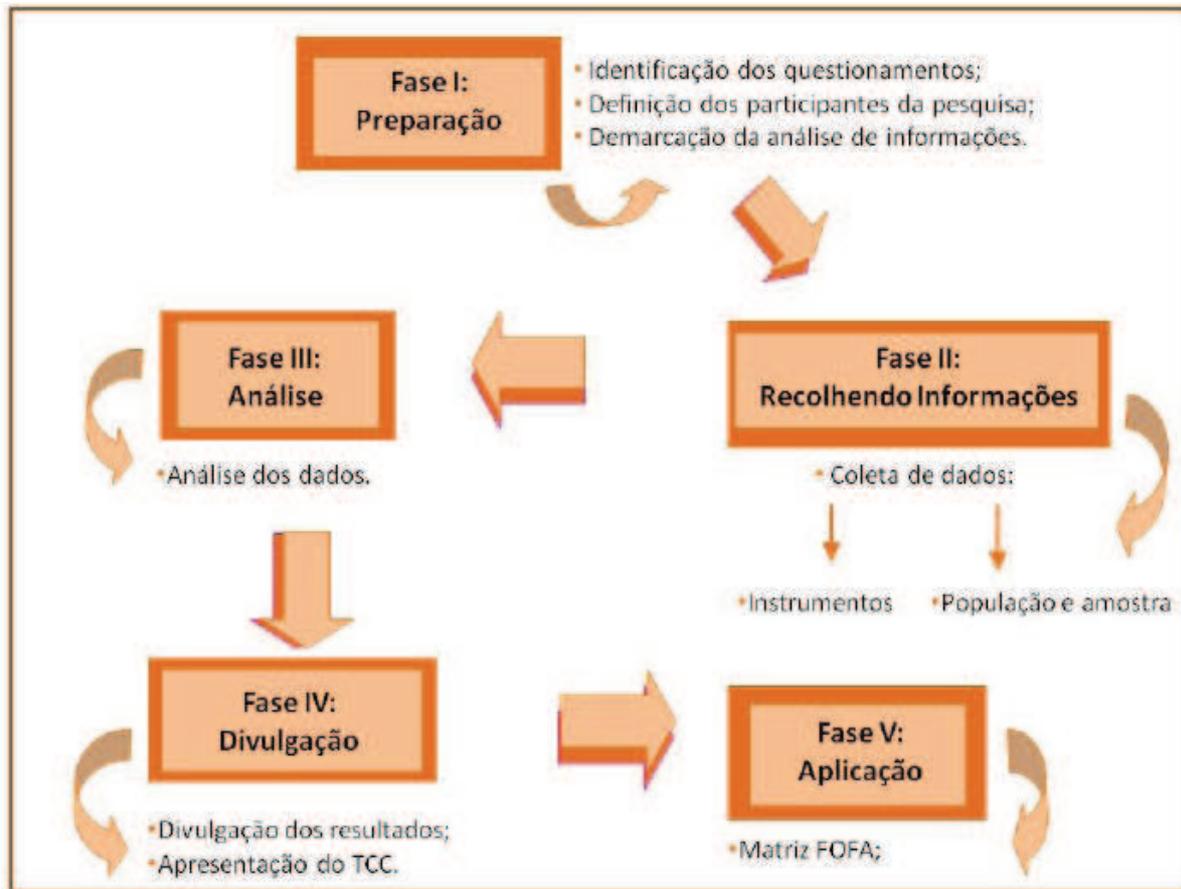
no ensino fundamental e médio. Apresentar como é e como deveria ser trabalhada a pesquisa pelos professores torna-se um assunto significativo, pois orienta e dilui as diferenças entre o que é ensinado e com deveria ser o ensino pela pesquisa.

PROCESSO METODOLÓGICO

Reavendo a discussão é mais que urgente que se faça uma estimativa quanto à metodologia que os docentes utilizam para trabalhar a pesquisa e/ou os trabalhos de pesquisa dentro e fora das salas de aula, a fim de entender como a mesma é conduzida atualmente na Educação Básica. Na busca de alcançar o objetivo geral desta temática foi utilizado um processo metodológico, planejado e executado. Essa fase no estudo é de fundamental importância, pois quando se “acerta” na metodologia o estudo torna-se bonito, claro e plausível. A metodologia é um caminho, um procedimento que deve ser bem planejado, pensado e repensado, para que todas as ações sejam fundamentadas e conclusivas. Como primeira ação neste processo, foi escolhida a abordagem mista, que envolve a coleta e análise de dados de duas formas (qualitativos e quantitativos). O estudo se delineou melhor com esta abordagem porque a pesquisadora descreveu, explicou, bem como, participou e principalmente interpretou os dados coletados, simultâneos e seqüenciais, para melhor atender o problema do estudo. Quanto ao tipo de estudo adotado, optou-se pelo estudo de caso, porque é uma pesquisa que se conjectura no estudo de um caso particular, o ensino da pesquisa, uma investigação descritiva, explorativa e específica, contextualizada em tempo e lugar.

O universo, onde se delineou a execução da pesquisa foi uma escola de Educação Básica, situada no povoado de Capoeiruçu, ano de 2011. E por se tratar de uma abordagem mista, os critérios para a eleição da população variaram. A população se dividiu em três grupos analisados, uma população de coordenadores, outra de professores (eleição intencional, considerando a disponibilidade de tempo e interesse) e de alunos do ensino fundamental e médio. A amostra dos professores foi aleatória e a dos alunos probabilística, calculando-se o n° da população ($M = N \cdot X / N + X$).

Utilizou-se como instrumentos de coleta e análise de dados a entrevista (semi-estruturada) com os coordenadores, professores e por fim um questionário fechado, com perguntas tipo escalares, modelo Likert, para os alunos. Os dados quantitativos foram tabulados no programa estatístico SPSS. 17 e feita por fim uma triangulação dos dados empíricos, analisados com base nos principais autores. Para elucidar o processo metodológico, o quadro a seguir apresenta as fases do desenvolvimento, com base no modelo de análise de necessidades de Stufflebeam, são cinco processos que percorremos para chegar à tomada de decisão. Este modelo é o mais orientado para planificação e evolução dos sistemas educativos, planos de estudo e programas.

Quadro 1: Quadro processual da análise de necessidades deste trabalho

Fonte: Elaboração da autora

Para que um estudo seja conciso é preciso buscar autores que corroborem com as perspectivas do mesmo. Este estudo procurou sua fundamentação teórica e metodológica nos autores Bagno (2003), Demo (1997), André (2007) e García (2010). Na construção dos instrumentos foi levado em consideração o que os mesmos apontam como procedimentos para ensino da pesquisa.

O objetivo de um instrumento é buscar uma verdade, uma veracidade, para tanto precisa ser construído com um rigor científico, onde os dados coletados revelam os fatos que devem ser estudados e analisados. Para a elaboração dos instrumentos deste estudo foram definidos as dimensões, objetivos, categorias e indicadores dos questionários e entrevistas. O quadro a seguir esta dividido em três dimensões, que corresponde à população da pesquisa, uma amostra de alunos, professores e coordenadores e sua relação com o ensino da pesquisa. a mesma forma os objetivos de cada dimensão, ou seja, o que realmente foi analisado em cada grupo de alunos, professores e coordenadores. As categorias são as divisões dos questionários e entrevistas com suas principais perguntas. E os indicadores significam as principais perguntas. Como apresenta o quadro a seguir:

Quadro 2: Dimensões, objetivos, categorias e indicadores dos instrumentos

Dimensões	Objetivos	Categorias	Indicadores
A pesquisa e o aluno	Entender como se dá a relação do aluno com a pesquisa e a participação deles neste processo.	Conceito Procedimento Atitude	Gosta de pesquisar; Considera-se pesquisador; Sabe pesquisar; Motivação intrínseca e curiosidade.
A pesquisa e o professor	Perceber como o professor trabalha a pesquisa em sala de aula e como ele lida com os desafios neste contexto.	Metodologia; Desafios;	Levam em conta as vivências dos alunos para trabalhar a pesquisa; Trabalha teoria e a prática; Planeja seus trabalhos de pesquisa; Possui formação; Recebe apoio da instituição.
A pesquisa e a escola	Analisar como o coordenador pedagógico incentiva seus professores para o ensino da pesquisa.	Desenvolvimento da pesquisa na escola; Compromisso	Promove capacitação para os professores; Disponibiliza recursos; Acredita na pesquisa para o melhor desenvolvimento acadêmico-profissional dos alunos.

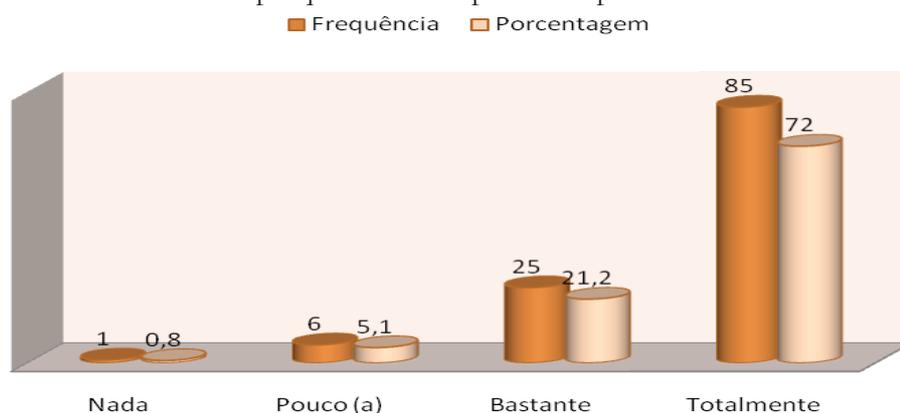
Fonte: Elaboração da autora.

ANÁLISE DOS DADOS

A finalidade do estudo foi analisar o ensino da pesquisa sobre o prisma do professor, suas dificuldades, necessidades para desenvolvê-la, repensando, discutindo e propondo caminhos para trabalhar este assunto em sala de aula de forma significativa, principalmente com está sendo trabalhado no Ensino Fundamental e Médio. Tendo com problema: quais as necessidades formativas apontadas pelos docentes que atuam no ensino fundamental e médio, para desenvolvimento da pesquisa em sala de aula, como uma prática significativa. Foi escolhida uma escola particular/confessional, em seus níveis fundamental e médio, situada em Capoeiruçu, povoado de Cachoeira – BA.

A PESQUISA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

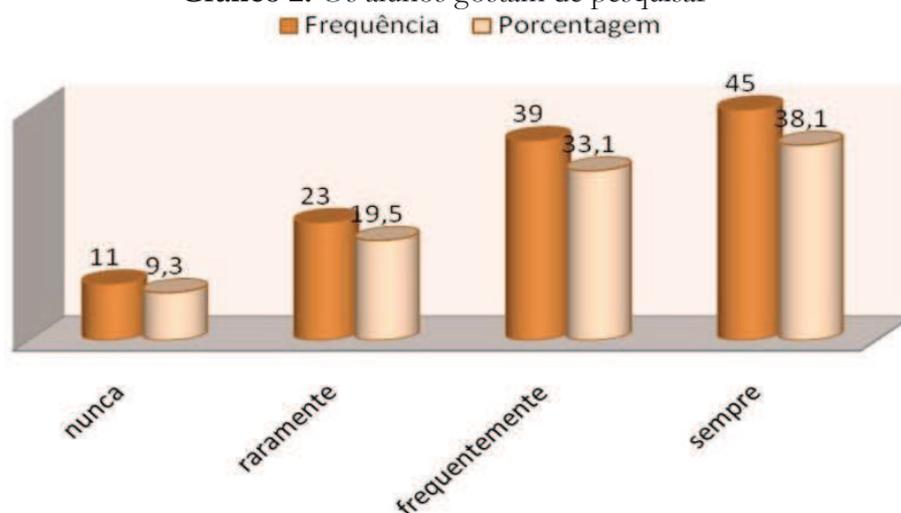
Estabelecidos os processos de seleção da população a ser estudada, a primeira etapa da investigação esteve voltada a um grupo de alunos e sua relação com a pesquisa, procurou-se analisar como era vista a pesquisa sobre prisma dos alunos, se gostavam de realizá-la, se tinham motivação para tal atividade e outros. Com um total de 118 questionários, percebemos entre frequência e porcentagem, primeiramente a concepção que os alunos têm sobre pesquisa. Cerca de 72% entendem que a pesquisa é importante no processo escolar.

Gráfico 1: A pesquisa e sua importância para o sucesso escolar

Fonte: questionário aplicado aos alunos.

Quando os alunos têm esta perspectiva deve e pode ser feito um trabalho bem mais estruturado, pois os mesmos já entendem que através da pesquisa o seu desenvolvimento na escola será mais satisfatório. Demo (2002) afirma, que nesse sentido “é fundamental que os alunos escrevam, redijam, coloquem no papel o que querem dizer e fazem, sobretudo alcancem a capacidade de formular.” (p. 28). Se eles entendem que o processo de pesquisar é importante, cabe aos professores conduzir este processo ministrando aulas teóricas e práticas significativas. Para Demo (2002), o professor deve disponibilizar o conhecimento e permitir que seu aluno analise, questione, enfim o aluno procure e examine as informações que recebe.

Todavia, outro fator que neste estudo se fez necessário foi verificar se os alunos gostam de pesquisar, nisto que não adianta nada o professor passar os trabalhos ou projetos de pesquisa sem conhecer a apreciação dos alunos pela pesquisa. Entre as respostas, 38% dos alunos responderam que “sempre” gostam de pesquisar.

Gráfico 2: Os alunos gostam de pesquisar

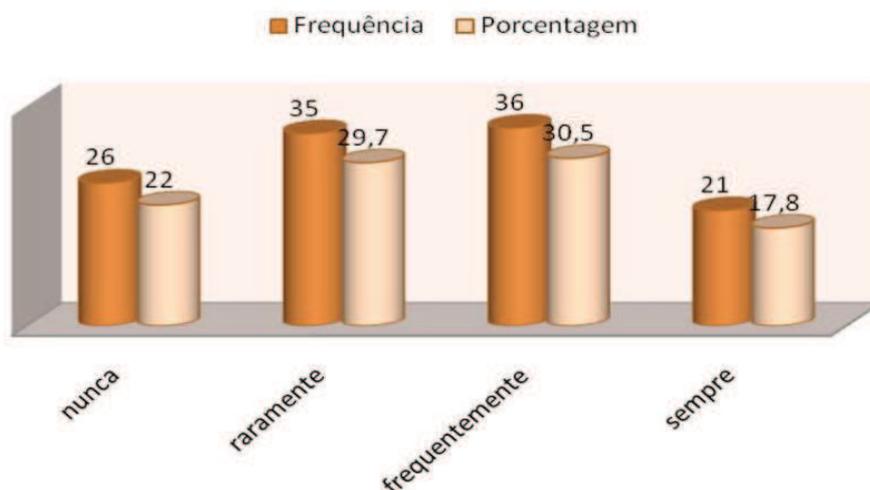
Fonte: questionário aplicado aos alunos.

O resultado de 38% gostarem de fazer pesquisas é satisfatório, pois fica evidente que o desenvolvimento de pesquisas com estes alunos será facilitado. O gosto pela pesquisa já foi despertado no início da vida estudantil destes alunos, resposta que corrobora com o que Bagno (2003) propõe, pois todas as atividades da vida cotidiana estão pautadas em saber fazer indagações, pesquisar. E os professores que aprenderem a trabalhar com a pesquisa de forma significativa com estes alunos, desenvolverão neles um dos preponderantes propósitos da educação, a autonomia, de pensar, criar, inovar, intervir e praticar.

Nesta fase torna-se relevante pensar também no ambiente para o trabalho com a pesquisa. A escola deve proporcionar um ambiente positivo para conseguir uma maior motivação nos alunos. Este ambiente precisa ser pensado com naturalidade de maneira a proporcionar um trabalho coletivo, diferente de um que só imponha disciplina e autoritarismo. Isso vale também para a sala de aula, chega de ter o professor como o detentor do saber e ao invés de se apresentar assim, ser visto pelos alunos como um orientador do trabalho que ora será individual ora coletivo.

Outro fator importante que foi perguntado dentre os demais é se os alunos consideram-se pesquisadores. Ela teve como propósito saber se eles se sentem como parte do processo de pesquisar, sentem-se envolvidos, participam, interagem. E o resultado foi bem dividido, pois 17% afirmaram que sempre se consideram, outros 30% pontuaram que frequentemente e outros 29% explicitaram que raramente se sentem como pesquisadores.

Gráfico 3: Os alunos consideram-se pesquisadores



Fonte: questionário aplicado aos alunos.

Para que não houvesse dúvidas, os mesmos alunos que responderam esta pergunta foram indagados sobre o porquê das respostas e chamou atenção a réplica de um aluno X *“vai depender da pesquisa que o professor propõe, se for legal eu participo, se não, faço por fazer.”* Com tal resposta é possível pensar que tipo de pesquisas os professores e a escola estão propondo a seus alunos? O planejamento das

ações de todo corpo docente da escola implica preparar questionamentos significativos que atraiam seus alunos as pesquisas propostas,

Para questionar o aluno, no entanto, o professor precisa de elementos teóricos que o auxiliem a elaborar perguntas capazes de trazer à tona os conhecimentos prévios de cada um sobre o tema proposto e aí está o ponto de partida: que perguntas fazer, em classe, para descobrir o que os alunos já conhecem e o que já são capazes de expressar por meio de saber crítico. (NININ, 2008. p. 15).

Desta maneira será mais evidente as posturas dos educandos frente às pesquisas propostas pelos professores, eles desenvolveram motivação intrínseca para interagirem, ora individualmente ora coletivamente e assim assumirem a posição de alunos pesquisadores.

A PESQUISA E A PRÁTICA DOCENTE

A segunda fase neste processo de análise se constituiu na perspectiva dos professores e a pesquisa. Foram entrevistados dez professores e as indagações propostas estiveram pautadas sobre suas alegrias e tristezas no ensino, sobre suas dificuldades no ensino da pesquisa, sobre o apoio da escola neste processo, dentre outros.

Antes da análise das respostas é fundamental entender algumas relações, que às vezes se estabelecem, entre ensino e pesquisa e entre professor, pesquisador e professor- pesquisador. Quando ocorre a relação de ensino e pesquisa incide diferentes compreensões e ações. Segundo Freire (2004), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.” (p.24). O que existe de pesquisa no professor não é qualidade ou a forma de ser ou de educar que se acrescenta a de ensinar. Deve fazer parte da metodologia do professor a busca, a indagação, a pesquisa, pois ensino e pesquisa, ambos se encontram um no outro. “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.” (FREIRE, 2004, p. 34).

Há quem diga que professor e pesquisador devem ter duas ações distintas, pois professor é um profissional que ministra, relaciona e instrumentaliza algo para os alunos e que pesquisador é aquele que exerce a atividade de buscar informações sobre um problema a ser analisado, utilizando um método científico para descobrir algo novo. Entretanto, seria possível dar o significado de professor-pesquisador e será que tal atividade é possível? De acordo com Lima (2004), alguns grupos defendem a ideia de que ensinar é diferente da atividade de pesquisar. “O professor e o pesquisador têm trajetórias profissionais distintas e, portanto, a formação desses profissionais deve estar voltada para o desenvolvimento de competências compatíveis com o exercício de cada uma dessas funções.” (p.14). Por outro lado, continua Santos (2003), outro grupo defende a pesquisa como parte integrante da docência. “Defensores da pesquisa como elemento essencial no trabalho docente e, conseqüentemente, nesta visão, os cursos de

formação docente devem voltar seus currículos para a preparação dos professores para o exercício dessa atividade.” (p.17). Se concordarem ou não, há pelo mesmo um fator que não pode haver controvérsias, ambos devem ter o espírito de investigação. Entretanto, a condição fatal da educação pela pesquisa é que o professor seja pesquisador, não que seja um profissional da pesquisa, mas que seja visto pela suas pesquisas, precisa ser como um profissional da educação, um pesquisador. (DEMO, 2002).

Tendo como base o espírito de investigação foi perguntado aos professores se os mesmos têm compromisso com o ensino da pesquisa e o (prof. 1)⁵ disse que *“sim e a própria escola está revendo o futuro e os processos para alcançá-los, o repensar da pesquisa. Começar com esta afirmativa torna-se relevante rever como tem sido o apoio que os professores têm recebido da escola na qual trabalham, pois quando os professores não têm o apoio da instituição, suas ações se limitam. É muito importante que professores e escola estejam em sintonia na realização de suas atividades, é importante que os professores possuam capacitação adequada para tal, pois a formação para estas e demais atividades da docência proporcionará um ensino diferenciado nesta etapa estudantil. Refletir sobre a fala do (prof.1) é importante quando o mesmo diz que pesquisa “é o combustível (foguinho) que alimenta boas aulas (aulas com significado).”* Professores que pensam assim, agem assim em suas aulas alcançam o sentido real da pesquisa na escola. Escolas que motivam seus professores, que disponibilizam recursos para o trabalho e que capacitam terão seus retornos almejavéis, tanto na visão que a comunidade vai possuir quanto e principalmente verão seus alunos tornarem cidadãos mais comprometidos com a pesquisa, proporcionando a sua comunidade apoio pelas novas descobertas que mudarão a realidade de todos. Acima de tudo isso, o professor deve ter como alvo primário, o compromisso com o desenvolvimento, a formação acadêmica dos seus alunos.

Quando questionados se fazem pesquisas, as respostas dos professores variaram, o (prof.2) disse que *“sim, realizo alguns projetos próprios ou que a escola oferece”* porém este foi o único a responder desta forma tal questão, os demais levantam a ideia de não possuírem tempo para desenvolvê-la. Segundo Beillerot (1991 apud ANDRÉ, 2007), quando se analisa tal resposta é importante fazer algumas distinções entre o que é “estar em pesquisa, fazer pesquisa e ser pesquisador.”, (p. 12), diz que,

O fato de participar de um trabalho de pesquisa pode permitir a uma pessoa sentir-se ligada a essa atividade e declarar-se como tal. Já a expressão “fazer pesquisa” indica uma responsabilidade e autonomia, pode então conduzir um indivíduo ao *status* de pesquisador, com distinção e o reconhecimento correspondentes, sobretudo na academia. (p. 12).

Ainda segundo André (2007), os professores se encontram na situação aproximada de “estar em pesquisa”, pois declaram estar fazendo projetos da escola, o que se torna um projeto escolar não necessariamente um projeto de pesquisa, ou por outro estão construindo um projeto de curso, ou de uma unidade, ou ainda um projeto de estudo do próprio professor sozinho ou em conjunto, entretanto, não essencialmente implica na realização de uma pesquisa. Pode-se perceber a função dos projetos na escola, o que preenche em parte o que elas propõem a respeito da prática da pesquisa.

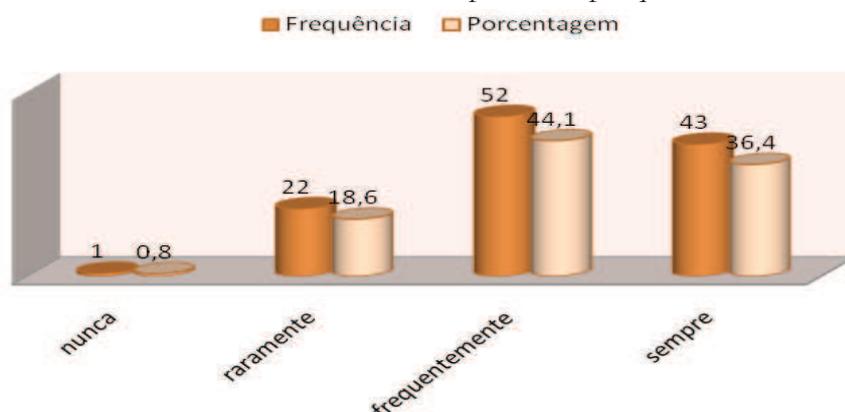
A PESQUISA E A ESCOLA

A terceira e última fase de análise está na perspectiva da escola, através dos coordenadores e a pesquisa. Teve-se a participação de três coordenadores entrevistados, com cerca de 10 anos de experiência na área educacional. A primeira interrogação procurou saber até que ponto a coordenação está contribuindo com a promoção da pesquisa/ iniciação científica, o (coordenador1) respondeu que somente “*através dos projetos didáticos, temos testado levar nossos alunos a buscarem conhecer sobre o que precisam saber, conhecer o que ainda não conhecem. Terem acesso ao novo através das tecnologias acessíveis.*” De fato o começo do trabalho com pesquisa, através de projetos é importante, porém é necessário que a escola ofereça a seus professores capacitação adequada, e a escola estudada aponta que somente agora, eles estão repensando sobre esta questão, devido a várias transformações que a sociedade vem passando e que seus alunos estão cada vez mais perdidos pelos bombardeamentos que a todos dias são expostos, eles precisam renovar suas práticas e o ensino da pesquisa proporcionaria uma plausível solução para este problema. Isso não quer dizer que através da pesquisa os problemas sociais da educação serão resolvidos, entretanto, com a pesquisa, uma inovação pedagógica, procura-se inclui sempre a emancipação do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. “Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores.” (DEMO, 2002, p. 8).

A principal necessidade apontada pela coordenação se constitui de falta de recursos didáticos e a falta de reflexão dos alunos e professores, (coord. 2) “*os recursos necessários são a maior necessidade, acompanhado de alunos e professores com uma postura reflexiva.*”

A coordenação diz promover o acesso aos alunos dentro daquilo que é possível, porém quando a escola procurar fazer sua parte e os professores não assume este compromisso, o trabalho seja com a pesquisa ou outras temáticas tornam-se limitados. A escola diz se preocupar em promover pesquisas, e isto foi expresso pelos alunos no questionário preenchido.

Gráfico 4: Sua escola promove pesquisa



Fonte: questionário aplicado aos alunos.

Dos 118 alunos questionados 44% afirmam que sua escola promove pesquisas frequentemente, porém os trabalhos de pesquisas na grande maioria das vezes é apenas para festejar alguma data comemorativa, ela não faz parte das ações cotidianas. E a ela atrelam avaliações, com nota para somente aqueles que fizerem os trabalhos. Luckesi (2000, p. 18) diz que,

Transforma-se a pesquisa, dessa maneira, em um instrumento avaliativo do tipo exame, é representativo de uma prática avaliativa que não se preocupa com o processo, mas, sim, com o produto realizado pelo aluno, ou seja, uma prática que desconsidera o papel do aluno como ator e investigador crítico do conhecimento, para vê-lo somente como reproduzidor dos conhecimentos já estáveis socialmente e que julga secundária a intervenção permanente do professor no processo de desenvolvimento do aluno ao realizar a pesquisa.

Quando a escola entende que a pesquisa é um fator de desenvolvimento dos alunos, não se faz necessário atribuir notas ou conceitos, torna-se importante que a escola descubra como o aluno se desenvolveu ao longo do trabalho realizado, e assim instruir que seus professores atuem desta maneira. Todos, alunos, professores e escola precisam entender que a pesquisa na escola é uma maneira de educar e uma estratégia que facilita a educação, considerando assim uma necessidade da cidadania moderna.

Educar pela pesquisa é um enfoque propedêutico, ligado ao desafio de construir a capacidade de reconstruir, na educação básica e superior. A pesquisa persegue o conhecimento novo, privilegiando com seu método, o questionamento sistemático crítico e criativo. (DEMO, 2002, p. 2).

Com o propósito de atender um dos objetivos do estudo, que é sugerir uma proposta, uma matriz foi desenvolvida para fazer um cruzamento dos cenários (da real situação) e propor quais serão os objetivos estratégicos da instituição.

A matriz FOFA (Força, Oportunidade, Fraquezas e Ameaças) ou em inglês SWOT (Strength, Weakness, Opportunities e Threats) é uma ferramenta usada para analisar o ambiente externo e interno de uma organização, onde se traçam os objetivos estratégicos, sendo sua principal finalidade, mapear quais são as *oportunidades* externas e tentar tirar o máximo proveito delas com as *forças* internas. Permitir combater as *fraquezas* internas, para que a instituição entre num processo de melhoria contínua. E por fim, as *ameaças* devem ser da mesma forma analisadas, para que o estabelecimento não seja “pego de surpresa”.

Feita a análise dos dados criamos uma matriz que apresenta de maneira geral as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que a instituição deve desenvolver e cuidar, com o propósito de inovar, crescer no ensino da pesquisa.

Quadro 4: Matriz FOFA – resultados finais da investigação

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Alunos que gostam de pesquisar e se consideram pesquisadores – parte do processo; ◆ Professores que desenvolvem os projetos propostos pela escola (ambiente coletivo); ◆ Preocupação com a temática – pedagogia da pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Falta de compromisso por parte dos docentes no ensino da pesquisa; ◆ Pouca instrução no ensino pela pesquisa; ◆ Desenvolvimentos de algumas competências – interdisciplinaridade, saber fazer, outras; ◆ Falta de políticas de apoio a pesquisa; ◆ Cultura conteudista. ◆ Falta de planejamento das ações cotidianas no ensino pela pesquisa;
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Crescimento quanto aos recursos didáticos; ◆ Iniciação e extensão científica; ◆ Capacitação docente; ◆ Reorganização curricular; 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Atraso nesta inovação pedagógica; ◆ Alunos debilitados para o mercado de trabalho; ◆ Perda de alunos pela falta de preparo dos professores; ◆ Perda de bons professores, pela falta de reconhecimento; ◆ Concorrência com outras instituições;

Fonte: Elaboração da autora.

Este estudo não tem como intenção de encerrar as novas e possíveis discussões, mas possibilitar uma reflexão-ação de como ela é e como deve ser trabalhada, esta por assim dizer, pedagogia da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise expressa neste artigo identificou as necessidades formativas dos docentes tendo como problema: quais as necessidades formativas apontadas pelos docentes que atuam no Ensino Fundamental e Médio, para desenvolvimento da pesquisa em sala de aula, como uma prática significativa. Neste estudo, da mesma forma, apresentou informações como, o que move a atuação do professor, o contexto atual, a buscar em saber se as pessoas, se a instituição na qual trabalham prezam por sanar tais necessidades e por fim aponta as melhores estratégias para a inovação de sua práxis. Em resposta a problemática, as necessidades apontadas partiram de: falta de políticas de apoio, disponibilidade de tempo e cultura conteudista. As discussões que apresentamos são reflexões sistemáticas, que extraídas de um estudo científico, definem futuros possíveis. Contudo, para mudar é importante ter objetividade, critérios e ciência. Para objetivar as estratégias propostas é importante ter criatividade e ousadia. Todo processo de planejamento deve ser lúcido e racional. Portanto, com base na matriz proposta na análise dos dados, a instituição, na visão dos docentes, poderá otimizar suas forças, minimizar as ameaças, centralizar-se nas oportunidades e sanar as suas fraquezas, por uma pedagogia da pesquisa.

Diante do que foi estudado, analisado e exposto cabe a escola seguir ou não a matriz FOFA, com os seus devidos encaminhamentos: Crescimento quanto aos recursos didáticos, Iniciação e extensão científica, Capacitação docente e Reorganização curricular, para trabalhar de forma significativa a pesquisa. Fica assim, o sincero desejo de que todos reflitam e decidam sobre suas posturas frente ao ensino da pesquisa, pois o sucesso nesta arte depende, todavia, em larga medida, do valor que tanto professores, escola e pais lhe derem. Quando a pesquisa for muito apreciada e ativamente desenvolvida por todos, seu papel será cada vez mais importante, dilatada e admirável também por todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. H. **Análisis de necesidades formativas pedagógicas del profesorado de las FADBA**. 2010. 301f. Tese. (Doctorado en Métodos de Investigación Diagnóstico en Educación). Universidad de Barcelona, Barcelona, ES, 2010.

A PESQUISA NA CÁTEDRA PAULO FREIRE DA PUC. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/paulofreire/pesquisacat.htm>> Acesso em: 20 maio 2011.

ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola o que é como se faz**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2003. BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: MEC; CNE, 2010.

_____. Leis de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. Parâmetros curriculares nacionais: 1a a 4a Séries do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1997.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília, DF: MEC: UNESCO: Cortez, 2006.

DEMO, P. **ABC: iniciação à competência reconstrutivo do professor básico**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Formação de formadores básicos**. Brasília: INEP, 2002.

_____. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Objetiva – Edição especial, 2002.

FAZENDA, I. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GARCÍA, M. R. **Enseñar a investigar investigando**. Disponível em: <<http://www.google.es.com>>. Acesso em: 12 set. 2010.

LAKATOS, E. M. e M., M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas S.A., 1991. LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, M. H. M. **O professor, o pesquisador e o professor-pesquisador**. Disponível em: <<http://www.google.com>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2000. MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para o acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2005.

NININ, M. O. G. **Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico?** Disponível em: <http://scielo.br/scielo>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Edição especial, 1999.

NÚÑEZ, I. B. **Estudo das necessidades formativas de professores (as) do ensino médio no contexto das reformas currículo**. Disponível em: <<http://www.google.com>> Acesso em: 10 out. 2010.

OLIVEIRA, I. B; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre as redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, L. C. P. **Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2002.